

Paulo Rocha faz homenagem a Mizoguchi com 'O Rio do Ouro'

Trabalho do cineasta português conta história mística e é atração de amanhã na Mostra

MARCELO BERNARDES

Especial para o Estado

NOVA YORK - Para quem acompanha a retrospectiva de 13 filmes do diretor japonês Kenji Mizoguchi na Mostra Internacional de São Paulo, um dos programas obrigatórios é conferir também a produção *O Rio do Ouro*, de Paulo Rocha, atração de amanhã da Mostra, às 22h20, na Sala Cinemateca, e na quarta-feira, às 14h30, no Espaço Unibanco.

Para o cineasta português, de 53 anos, seu novo trabalho é um dos raros exemplos de sua extensa filmografia a sofrer influência de outros diretores, sobretudo o mestre japonês. "Existe um pouco de Renoir em meu primeiro filme (*Os Anos Verdes*, 1963), porque havia acabado de trabalhar como assistente dele em Paris no longa *Le Caporal Épinglé*, e duas ou três coisas que roubei de Buñuel em meu segundo trabalho, *Mudar de Vida*", explicou o diretor em entrevista ao **Estado** durante o Festival de Cinema de Nova York.

"Mas com *O Rio do Ouro* sinto estar prestando uma grande homenagem a Mizoguchi, cujo estilo me

atraiu depois de ter morado dez anos no Japão", prossegue Rocha. "Mizoguchi, na minha opinião, foi um dos poucos cineastas a reunir a emoção dos atores e o conflito da trama e traduzi-las dentro de um cenário natural com maestria", conclui.

Em *O Rio do Ouro*, Rocha utiliza o cenário natural de sua cidade natal, Porto, para contar uma história repleta de misticismo, folclore e tragédia grega (uma espécie de coro grego circundava a trama por meio da música do cantor e compositor português José Mário Branco).

"A crítica européia brindou meu filme como um conto místico, mas considero *O Rio do Ouro* como um projeto mais nostálgico, o único de minha carreira em que me permiti revisitar as memórias de quando eu tinha 10 anos", explica o cineasta que vinha desenvolvendo o roteiro do filme desde a década de 60.

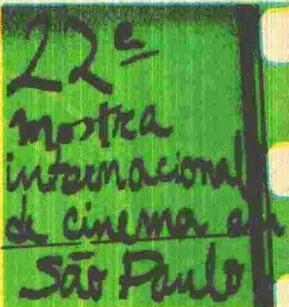
O ator brasileiro Lima Duarte interpreta Antonio, perito em dro-

gas, que se casa com uma inspetora ferroviária local, Carolina (Isabel Ruth). Logo nos primeiros meses de união, Carolina desconfia que o marido se está afeiçoando à sua afilhada Joana (Joana Bárbara), depois de salvá-la de um afogamento.

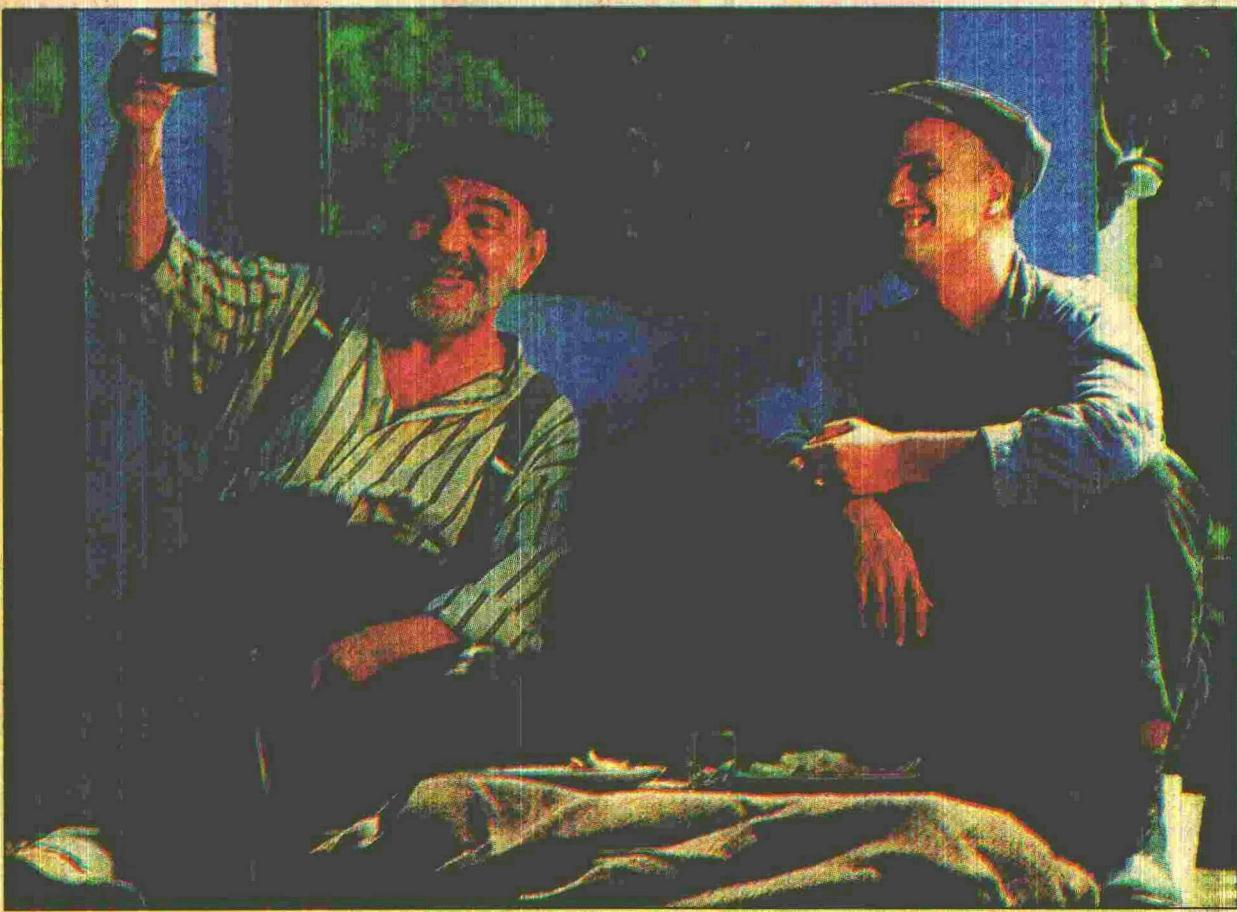
Enciumada, ela começa a flertar também com um cíngulo comerciante de ouro, o Zé do Ouro (João Cardoso), que prevê uma tragédia na vida da garota. Para descobrir o que a visão do cíngulo significa, Carolina embarca num romance extraconjugal. A tragédia é iminente.

"Procurei atores em vários países para interpretar o papel especial de Antonio", conta Rocha. "Lima Duarte, além de ser muito popular em Portugal por causa das novelas da Globo, é um desses raros atores em atividade que possui o arquétipo do herói de westerns, aquele tipo maior que a vida, tão bem representado por Kirk Douglas", prossegue.

Já Carolina foi uma persona-



LONGA MARCA O RETORNO DO DIRETOR À FICÇÃO



Lima Duarte em 'O Rio de Ouro': selecionado para o papel por possuir o 'arquético do herói de westerns'

gem que ele escreveu especialmente para Isabel, que é considerada a maior atriz da história do cinema português. "Ela esteve meu primeiro filme e durante sua carreira sempre trabalhou muito pouco", esclarece Rocha. "E não é fácil trabalhar com ela", conclui.

Co-produção - *O Rio do Ouro* é uma co-produção entre Portugal e Brasil. Rocha trabalhou em conjunto com o produtor Bruno Stropiana, este de *Tieta do Agreste* e *For All*.

O longa-metragem foi rodado todo em locações do Porto e marca o retorno do cineasta no campo da ficção depois de seus três últimos trabalhos terem pertencido ao estilo documental.

Em 1993, Rocha dirigiu *Portugaru-san - O Senhor Wenceslau Brás em Tokushima*, uma peça filmada sobre a passagem do poeta português pelo Japão; seguido de um episódio (*Oliveira, o Arquiteto*) para uma série da TV francesa *Cinema do Nossos Tempo* sobre o cineasta Manoel de Oliveira.

Em 95, também para um canal francês, ele dirigiu *Shohei Imamura - Le Libre Penseur*, sobre o diretor japonês de *A Balada de Narayama*. "Sempre gostei do estilo documental; para mim cinema é isso", diz Rocha.

"Em *O Rio do Ouro*, ninguém pode acreditar, mas meu approach foi o mais documental possível, deixando a situação natural interceder e as vezes até mudar o que tinha escrito", conclui Rocha que começo a filmar em maio um musical ambientado em Lisboa.